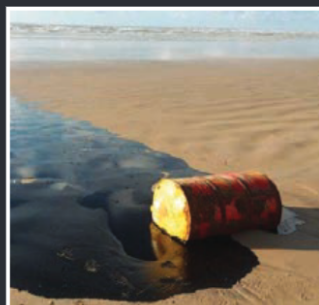
Nº583
De 11 de dezembro de 2019 a janeiro de 2020
Ano 22

R$2
(11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

NÃO DÁ MAIS

DERROTAR BOLSONARO-MOURÃO E SEU PROJETO JÁ

Chegamos ao fim do ano com a vida muito pior. Reforma da Previdência, as MPs que tentam acabar com todos os direitos. A educação pública, a cultura e a ciência estão sendo destruídas. Genocídio na periferia. Meio ambiente, só tragédias. E agora até a carne sumiu da mesa dos brasileiros.

páginadois

MEME

Falou Besteira

"Leonardo DiCaprio é legal, não é? Dando grana para tacar fogo na Amazônia"

JAIR BOLSONARO, acusando o protagonista de Titanic de financiar os incêndios na floresta

TODA SEMANA NO NOSSO CANAL

Não vai ter churrasco

Quem já foi ao mercado percebeu que o preço da carne explodiu. Em um mês, aumentou mais de 30%. Há notícias de que o quilo da picanha chega a ser vendido por R$ 70 em açougues de Campo Grande (MS). O quilo do acém está sendo vendido por R$ 20 em média na capital paulista. A explicação para o aumento foi o crescimento das exportações da carne bovina. Entre setembro e outubro, as exportações para a China aumentaram 110% e para a Rússia, 694%, na comparação com o mesmo período do ano passado. O Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina, mas por aqui o produto virou artigo de luxo. O aumento provoca revolta na população. Tem gente dizendo que Bolsonaro vai transformar o Natal e o Ano Novo em quaresma. Outros dizem que será necessário um programa chamado "Minha carne, minha vida" para financiar o próximo churrasco.

Vitória da Luta

No último dia 22, o Judiciário do Maranhão revogou a prisão dos quatro militantes do Movimento Fóruns e Redes de Cidadania: Joel, José Laudivino, Emildes e Edilson. Os camponeses do povoado Fleixeiras, da cidade de Arari (MA), foram liberados somente no dia seguinte. Eles estavam em prisão preventiva há 70 dias pela luta contra a grilagem de terra e pela derrubada das cercas ilegais na região dos campos da Baixada. Durante o período em que estavam presos, as comunidades camponesas ligadas ao Fóruns e Redes de Cidadania convocaram uma campanha pública com uma série de mobilizações pela libertação imediata dos presos. A libertação é fruto da mobilização e é uma vitória de todos aqueles que enfrentam o latifúndio. Porém precisamos continuar lutando pelo fim da criminalização dos lutadores do campo no Maranhão e pelo direito à terra. É inadmissível que no estado governado por Flávio Dino (PCdoB), que se diz de esquerda e oposição a Bolsonaro, os trabalhadores do campo estejam numa situação tão grave, correndo risco de morte e prisão.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.
JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)
REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido
DIAGRAMAÇÃO Jorge H. Mendoza
IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, Nº 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ
MACAPÁ | Av. Alexandre Ferreira da Silva, Nº 2054. Novo Horizonte
Tel. (96) 9.9180-5870

AMAZONAS
MANAUS | R. Manicoré, Nº 34. Cachoeirinha. CEP 69065-100
Tel. (92) 9.9114-8251

BAHIA
ALAGOINHAS | R. Dr. João Dantas, Nº 21. Santa Terezinha
Tel. (75) 9.9130-7207
ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522
(73) 9.8861-3033
SALVADOR | (71) 9.9133-7114
www.facebook.com/pstubahia

CEARÁ
FORTALEZA | Rua Juvenal Galeno, Nº710, Benfica. Tel.: (85) 9772-4701
IGUATU | R. Ésio Amaral, Nº 27. Jardim Iguatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA | SCS - Setor Comercial Sul, Quadra 1, Bloco G, Edifício Baracat, Sala 307, Asa Sul, Brasília, DF.
CEP: 70309-900.

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716
(27) 9.8158-3498
pstuvitoria@gmail.com

GOIÁS
GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO
SÃO LUÍS | Luís Rocha, 1612
Bairro Liberdade

MATO GROSSO DO SUL
TRÊS LAGOAS | R. Paranaíba, Nº 2350. Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE | Av. Amazonas, Nº 491, sala 905. Centro.
CEP: 30180-001
Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com
CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, Nº 26A. Centro.
www.facebook.com/pstucongonhasmg
CONTAGEM | Av. Jose Faria da Rocha, Nº5506. Eldorado
Tel: (31) 2559-0724 / (31) 98482.6693
ITAJUBÁ | R. Renó Junior, Nº 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010
JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, Nº 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554 pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA | R. Monsenhor Horta, Nº 50A, Rosário. www.facebook.com/pstu.mariana.mg
MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, Nº 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971
PATROCÍNIO| R. Quintiliano Alves, Nº 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113
SÃO JOÃO DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, Nº 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br
UBERABA | R. Tristão de Castro, Nº127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499
UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, Nº 558 (frente).
Luizote de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ
BELÉM | Travessa das Mercês, Nº391, Bairro de São Bráz (entre Almirante Barroso e 25 de setembro).

PARAÍBA
JOÃO PESSOA | R. Escritor Orriz Soares, Nº 81, Castelo Branco
CEP 58050-090

PARANÁ
CURITIBA | Tel. (44) 9.9828-7874
(41) 9.9823-7555
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9951-1604

PERNAMBUCO
REFICE | R. do Sossego, Nº220, Térreo. Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ
TERESINA | R. Desembargador Freitas, Nº 1849. Centro. Tel: (86) 9976-1400
www. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
CAMPOS e MACAÉ |
Tel. (22) 9.8143-6171
DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, Nº 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679
MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649
NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, Nº 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991
NOVA FRIBURGO | R. Guarani, Nº 62. Centro. Tel. (22) 9.9795-1616
NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, Nº 546. Centro. Tel. (21) 9.6942-7679
RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, Nº 155. Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br
SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, Nº107, casa 8. Alcântara.
VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, Nº 43, sala 202. Aterrado.
Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ | R. Dr. Amaury, Nº 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216
NATAL | R. Princesa Isabel, Nº 749. Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290
(84) 9.8783-3547 [Oi]
(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL
ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817
CANOAS e VALE DOS SINOS |
Tel. (51) 9871-8965
GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842
PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, Nº 432, Sala 20 B. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com
PORTO ALEGRE | R. Luis Afonso, Nº 743. Cidade Baixa. Tel. (51) 9.9804-7207
pstugaucho.blogspot.com
SANTA CRUZ DO SUL| Tel. (51) 9.9807-1772
SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstusm@gmail.com

RONDÔNIA
PORTO-VELHO | Tel: (69) 4141-0033
Cel 699 9238-4576 (whats)
psturondonia@gmail.com

RORAIMA
BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA
BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586
CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489
FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, Nº17, 2º andar. Centro.
Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com
JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstu.joinville@gmail.com
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO
ABC | Av Pedro de Alcântara, 381. Vila São Pedro. SBC. Tel/Zap: 97777-0416
BAURU | R. 1º de Agosto, Nº 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272
CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, Nº 205. Jd. Metanopolis.
Tel. (19) 9.8270-1377
www.facebook.com/pstucampinas;
www.pstucampinas.org.br
DIADEMA | Rua Alvarenga Peixoto, 15 Jd. Marilene. Tel. (11)942129558
(11)967339936
GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871
MARÍLIA| Tel. (14) 9.8808-0372
OSASCO| Tel. (11) 9.9899-2131
SANTOS| R. Silva Jardim, Nº 343, sala 23. Vila Matias.
Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117
SÃO CARLOS| (16) 3413-8698
SÃO PAULO (Centro)| Praça da Sé, Nº 31. Centro. Tel. (11) 3313-5604
SÃO PAULO (Leste)| (11) 9.8218-9196
(11) 99365-9851
SÃO PAULO (Oeste - Lapa)| R. Alves Branco, Nº 65.
SÃO PAULO (Oeste - Brasilândia)|
R. Paulo Garcia Aquiline, Nº 201.
SÃO PAULO (Sul - Capão Redondo)| R. Miguel Auza, Nº 59. Tel: (11) 9.4041-2992
SÃO PAULO (Sul - Grajaú)| R. Louis Daquin, Nº 32.
SÃO CARLOS| Tel. (16) 9.9712-7367
S. JOSÉ DO RIO PRETO| Tel. (16) 9.8152-9826
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS| R. Romeu Carnevalli, Nº63, Piso 1. Bela Vista.
(12) 3941-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE
ARACAJU| Travessa Santo Antonio, 226, Centro. CEP 49060-730. Tel. (79) 3251-3530 / (79) 9.9919-5038

Quem tem medo do Chile? Os desafios de 2020

Um ano de governo Bolsona-ro-Mourão-Guedes, e seu projeto de ditadura e semies-cravidão mostra duas coisas. Uma, que é preciso derrotar esse governo e seu projeto já. Outra, que é preciso um projeto dos trabalhadores para o país, que faça os ricos pagarem o preço da crise. Esse projeto só pode ser socialista e não mera redução de danos do ajuste capitalista como tem defendido e aplicado a esquerda eleitoral e re-formista aqui e no mundo.

Terminamos 2019 com o aprofundamento da crise econômica do capitalismo, aberta em 2008. Cresce a desigualdade. Um punhado de transnacionais e banqueiros, com sede nos países ricos, domina o mundo e recoloniza os países mais pobres, tendo os capitalistas desses países como sócios-menores.

O processo de recolonização dos países latino-americanos não começou hoje. No Chi-le, sob uma ditadura, esse foi mais fundo, mas também foi aplicado em grande parte dos demais países nos últimos 30 anos.

Se de 2002 até 2011, no Brasil, esse processo de decadência pôde ser mascarado por um ciclo de crescimento, permitindo pequenas concessões aos mais pobres, em 2012 sentimos os primeiros sintomas mais fortes da crise, que foram pano de fundo para junho de 2013.

O governo Dilma (PT), eleito em 2014 prometendo não mexer em direitos “nem que a vaca tussa”, praticou estelionato eleitoral atacando os direitos dos trabalhadores. Te-mer assumiu e emplacou uma reforma trabalhista. Bolsonaro subiu para aplicar um projeto como o do Chile: uma guerra social contra os trabalhadores e o povo.

O autoritarismo acompanha esses projetos econômicos. Bolsonaro defende uma dita-dura. Já o chamado centro (Rodrigo Maia, Doria, Huck etc.) não defende a ditadura, mas defende o projeto econômico de Guedes e Bolsonaro. Por isso, defendem o au-mento do autoritarismo e da repressão, a criminalização dos lutadores, o endureci-mento de leis que têm levado ao encarceramento em massa e ao genocídio da juven-tude pobre e negra da periferia. O “pacote anticrime” aprovado com a participação do PSOL, do PT e do PCdoB mostra isso.

O CHILE PODE SER AQUI

Chegamos ao final de 2019 com insurreições e revoluções em vários países, em espe-cial na América Latina. É a reação da classe trabalhadora, da juventude, do povo pobre e dos setores oprimidos aos projetos e governos capitalistas. Isso mostra que a classe trabalhadora não está derrotada.

No Brasil, chegamos ao fim do ano com a vida muito pior. Depois da reforma da Pre-vidência, as MPs de Bolsonaro e Guedes tentam acabar com todos os direitos. A edu-cação pública, a cultura e a ciência estão sendo destruídas. No meio ambiente, só tra-gédias: Brumadinho, fogo na Amazônia e no Cerrado, óleo nas praias e em santuários ecológicos. Até a carne sumiu da mesa dos brasileiros.

Não é à toa que Bolsonaro termina o ano como o presidente pior avaliado da história depois de um ano de governo. A guerra social, a exploração, a rapina, a destruição de serviços públicos e a violência exigida pelos capitalistas tende (não quer dizer que vá) a levar a um Chile aqui.

O PT tenta mostrar ao tal centro e à maioria dos capitalistas que ele pode governar de acordo com os interesses deles de novo, assegurando mais paz social do que Bolsona-ro, evitando um “Chile”. Afinal, os governos do PT foram capitalistas e de centro. O projeto do PT é administrar o capitalismo com redução de danos.

A cúpula das centrais e dos partidos de conciliação de classes como o PT, mesmo o PSOL, preparam-se para as eleições e para governar o capitalismo. No governo, não mudam nada de substancial.

Os ativistas e as organizações dos trabalhadores devem preparar-se para a possibili-dade de um Chile no Brasil. Aliás, os marxistas, antes do stalinismo e da social-democracia atual, preparavam-se para isso, para a revolução.

NA VERDADE, LULA E O PT TAMBÉM TÊM MEDO DO CHILE

O desafio para 2020 é organizar e unificar a luta dos trabalhadores e do povo para derrotar o governo e seu projeto já. Para isso, toda unidade para lutar é fundamental.

Porém é preciso, sobretudo, construir um projeto socialista dos trabalhadores: em defesa do emprego, dos direitos, do salário da educação e da saúde públicas, do meio ambiente, da soberania nacional e contra a violência aos pobres, negros, indígenas, mulheres e LGBTs. É preciso suspender o pagamento da falsa dívida pública aos ban-queiros, acabar com as isenções fiscais para grandes empresários, revogar as refor-mas trabalhista e previdenciária, parar as privatizações e garantir gasolina, gás e ali-mento barato. Precisamos construir uma organização revolucionária que lute por um governo socialista dos trabalhadores, no qual os de baixo governem em conselhos po-pulares.

O PT, o PCdoB e o PSOL têm defendido uma frente ampla eleitoral contra Bolsonaro, que incluiria partidos e setores da burguesia. Uma coisa é fazer toda unidade na luta para derrotar Bolsonaro, outra é a defesa de um projeto para o Brasil. Um programa de mera redução de danos é o caminho para a derrota e a desmoralização da classe trabalhadora.

Tal frente, na verdade, é uma frente com a burguesia contra a mobilização dos traba-lhadores e pela sustentação desse governo por mais três anos. Esse tipo de aliança é sempre uma aliança contra a classe trabalhadora e contra a possibilidade da revolu-ção e do socialismo.

PARAISÓPOLIS

Não foi acidente, foi chacina

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

"O povo tem a força, precisa descobrir/ Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui/ Eu só quero é ser feliz..." (*Rap da Felicidade*)

"O *clima tá estranho por aqui*", diz o jovem Mike referindo-se ao baixo movimento das estreitas ruas e ladeiras de Paraisópolis. É um sinal evidente da dor e da revolta profunda que a comunidade sente pela ação policial da madrugada de 1° de dezembro. Foi uma ação criminosa que resultou na morte de nove jovens que estavam no tradicional baile da DZ7 apenas para se divertir.

Naquela madrugada, soldados da Polícia Militar de São Paulo chegaram ao baile funk, onde estavam cinco mil jovens, e reprimiram com violência, com bombas de gás e tiros de bala de borracha. As nove vítimas fatais foram pisoteadas durante a agressão. Vários outros ficaram feridos.

Vídeos feitos por moradores mostram como a polícia encurralou os jovens em vielas, espancando de forma indiscriminada, não deixando chance de defesa. Uma das imagens mostra um soldado da PM batendo com uma barra de ferro em pessoas que estavam encurraladas num bar. O policial bateu até num jovem que estava de muleta. Testemunhas dizem que o que aconteceu foi uma armadilha. Os PMs chegaram por todos os lados para reprimir e não havia para onde fugir.

Os vídeos mostram que a ação foi pensada, calculada e realizada com requintes de crueldade. Também desmancharam a versão mentirosa da polícia e do governo do Estado. O assassinato de um policial semanas antes é apontado como a motivação da ação criminosa da PM. Na quebrada é assim, a polícia vinga a morte de um dos seus sacrificando nove jovens inocentes.

"Aconteceu essa ação no baile, mas não só porque era um baile. Aconteceu porque era na periferia, eram jovens, eram negros em sua maioria", disse Thaynan Diniz, morador de Paraisópolis e membro da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo (Umes) durante uma reunião que preparava um novo protesto em Paraisópolis para o dia 14 de dezembro.

REPRESSÃO É ROTINA NA QUEBRADA

Em toda periferia de São Paulo, a repressão contra bailes, batalhas de rap e outras atividades é uma rotina. Alguns jovens já vão para esses eventos pensando numa rota de fuga para quando a PM chegar com seus esquadrões. Baile funk é uma das poucas alternativas de jovens da periferia de São Paulo. Sua criminalização e o trato a tiro e bomba não passam de hipocrisia barata e racista.

Há uma enorme carência em lazer e cultura na periferia. Mesmo assim, ela fervilha. Os próprios moradores criam alterativas, produzem sua arte e buscam diversão e, muitas vezes, a conscientização. *"Para além do baile, que é cultura da população negra, nós temos as batalhas de rap que acontecem. Temos projetos independentes, como o Geração Portela que trabalha com samba, tem o Sarau de Paraisópolis, tem o Anarcocoletiva. O problema é que a gente não tem financiamento nem espaço pra realizar esses projetos. Então tudo fica mais difícil"*, explica Glória Maria, do Anarcocoletiva, que despertou para a política nas ocupações de escolas em 2015, contra o projeto de fechamento de salas de aula do governo do Estado.

"O fato de não ter financiamento faz com que a gente tenha que fazer na rua e correr o risco de repressão", diz Mike, jovem músico que fomenta batalhas de rap na comunidade.

"Penso que o preto, a galera de quebrada, a gente tá marcada sabe. A gente fazer um rolê ali, uma batalha aqui. É um negócio muito sério, a polícia já passa olhando torto", opina Glória.

Os jovens explicam que as atividades também levam a romper com alienação, como é o caso das batalhas de rap. *"É um ato de resistência e de desenvolvimento, porque eu vejo a molecada se desenvolvendo nas batalhas, em questão de consciência também. De consciência de classe, de consciência de raça"*, afirma Gloria.

Gustavo, que também despertou politicamente nas ocupações de escolas em 2015, explica que esses eventos combateram as ofensas homofóbicas que sofria. *"Eu não era respeitado por ser gay, e desde que entrei na batalha eu vi um desenvolvimento total das pessoas. Hoje em dia, me sinto muito respeitado, os moleques que faziam piada homofóbica hoje têm consciência da galera LGBT"*, diz.

Thainan, Mike, Glória e Gustavo (FOTOS: Jeferson Choma)

CRIMINOSOS

A responsabilidade de Doria e de sua PM

Pressionado pela repercussão do caso e pelos vídeos que mostraram toda a ação criminosa da PM, o govenador João Doria (PSDB) foi obrigado a mudar de versão e afastou os policiais presentes na ação. Porém, na quebrada, ninguém se engana com as palavras do governador playboy. Todo mundo sabe da sua responsabilidade. Antes mesmo de assumir, Doria prometeu: *"A partir de janeiro, a polícia ia atirar pra matar."*

"A responsabilidade é do Doria, do Estado", é a resposta unânime dos jovens ouvidos pelo Opinião Socialista. *"Além dele, é também do Bolsonaro, que vem com esse discurso de ódio e tem o projeto de excludente de ilicitude, que é dar o aval para polícia entrar aqui e matar mesmo"*, diz Thaynan.

É preciso dar uma resposta a esse crime covarde. É preciso exigir a punição de todos os responsáveis por mais esse capítulo triste do genocídio do povo pobre e negro e a reparação do Estado para as famílias dos jovens assassinados pela PM.

PACOTE ANTICRIME

Câmara aprova projeto que legitima genocídio da juventude negra com votos do PCdoB, PT e PSOL

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

Na mesma semana em que a Polícia Militar de São Paulo realizou uma chacina em Paraisópolis, a Câmara dos Deputados aprovou o chamado "pacote anticrime" do ministro Sérgio Moro. De caráter punitivista, o projeto segue a lógica do endurecimento da legislação penal para pobres e negros e do encarceramento em massa no Brasil, um país cuja população carcerária ultrapassa os 800 mil. Destes, 41,5% não têm condenação, e dois terços são negros segundo censo de 2016. Com crescimento de mais de 8% ao ano, o pacote deve impulsionar ainda mais o aumento exponencial da população carcerária.

PL APROVADO MANTÉM ATAQUES

Na Câmara dos Deputados, o projeto de Moro foi juntado a outro, do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, e encaminhado a um Grupo de Trabalho nomeado por Rodrigo Maia (DEM-RJ). Nesse GT, foi aprovado um substitutivo de Marcelo Freixo (PSOL-RJ) retirando o chamado excludente de ilicitude (impunidade para o policial que matar em serviço). Também caiu a prisão em segunda instância, entre outros pontos. O pacote que foi à votação, porém, mantém o objetivo original do projeto.

O relator do GT, Capitão Augusto (PL-SP), da bancada da bala, comemorou o resultado. "Esse relatório está contemplando algo em torno de 65% a 70% do pacote original, algo a se considerar dentro do meio político", disse à imprensa.

O PL aumenta o tempo máximo de prisão dos atuais 30 anos para 40 anos. Além disso, dificulta a liberdade condicional (o preso não pode ter falta grave nos doze meses anteriores e o comportamento terá de ser "bom" em vez de "satisfatório"). Além disso, aumenta a pena para uma série de crimes, incluindo "calúnia, injúria e difamação divulgados em redes sociais", que serão triplicadas. Amplia o rol de "crimes hediondos", tirando dessa classificação, curiosamente, a posse ou porte de arma de uso restrito.

O projeto também concede ao policial o direito de ter um advogado pago pela corporação no caso de investigação sobre uso de força letal. Ou seja, o policial que matar nas ruas vai ter direito a advogado antes mesmo de se tornar réu. O pacote ainda alarga a definição de legítima defesa por parte da polícia.

PT, PCDOB E PSOL

Votos da oposição reforçam política de Bolsonaro, Witzel e Doria

Todos os deputados do PCdoB e quase todos do PT votaram a favor do projeto de Moro. Três deputados do PSOL, Marcelo Freixo (RJ), Edmilson Rodrigues (PA) e Fernanda Melchionna (RS), apertaram "sim" para o projeto. Embora os demais parlamentares do PSOL tenham votado contra, o partido simplesmente liberou a bancada para que cada parlamentar votasse como quisesse.

Para tentar justificar seu voto, Freixo afirmou que optou pelo "sim" para evitar que o projeto original fosse aprovado. "Votei nesse projeto porque essa era a forma de derrotar o projeto de Moro e da bancada da bala", afirmou ao Portal Uol.

Freixo, Edmilson e Melchionna optaram pela política do mal menor. A mesma coisa que setores da oposição parlamentar, como o PT e o PCdoB, e as direções das grandes centrais sindicais, como CUT e Força Sindical, fizeram na reforma da Previdência. O problema é que, de mal menor a mal menor, o governo Bolsonaro vai passando a sua política de retirada de direitos, de criminalização dos movimentos sociais e genocídio da juventude negra.

Essa postura expressa as consequências de se atuar numa lógica estritamente parlamentar e institucional, e também eleitoral. Freixo diz que só havia duas opções: projeto desidratado ou o projeto de Moro. Mas o que estava em votação, na verdade, era "sim" ou "não" a esse pacote. Ao invés de chamar uma mobilização e tentar derrotar o PL na luta, Freixo e os demais deputados acabaram legitimando a política genocida de Bolsonaro, Witzel e Doria.

É preciso cobrar também a responsabilidade do MES, corrente interna do PSOL. A deputada Sâmia Bonfim (SP) votou contra, mas Fernanda Melchionna deu seu voto favorável ao projeto de Bolsonaro. Ambas são integrantes do MES.

Não se pode cair na armadilha dessa lógica burguesa: a mesma de Bolsonaro quando manda os trabalhadores escolherem entre empregos ou direito. Amanhã, vão promover outro Paraisópolis, ancorados nessa lei legitimada por Freixo. É preciso apostar nas nossas próprias forças, na mobilização direta, nos protestos e greves, para derrotar os ataques de Bolsonaro e o genocídio da nossa juventude negra.

NÃO VAMOS ACEITAR

Um negro da casa grande à frente da Fundação Palmares

Sérgio Camargo, nomeado por Bolsonaro para presidir a Fundação Palmares.

SECRETARIA DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU

No dia 27 de novembro, fomos surpreendidos com a nomeação de Sérgio Camargo para a presidência da Fundação Palmares, órgão ligado à Secretaria da Cultura do Governo Federal, e responsável pela promoção da cultura afro-brasileira. Mas, afinal, quem é Sérgio Camargo?

Sérgio é um militante da extrema-direita bolsonarista que ganhou destaque por negar a existência do racismo no país e por atacar os movimentos negros e qualquer personalidade que denunciasse a discriminação racial e a violência do Estado contra os negros.

Eis aqui algumas das frases proferidas por Sérgio Camargo para entendermos um pouco de que tipo de sujeito se trata: "Cotas raciais para negros são mais do que um absurdo"; "O Dia da Consciência Negra 'celebra' a escravização de mentes negras pela esquerda. Precisa ser abolido!"; "No Brasil de hoje, Zumbi seria um bandido ou defensor de bandido, integrante do MST"; "É inacreditável que tenham tentado ligar nosso presidente ao assassinato dessa mulher sem valor. É preciso que Marielle morra, só assim ela deixará de encher o saco!".

Sérgio Camargo é o típico capitão-do-mato que se coloca a serviço dos senhores da casa grande para atacar e perseguir o povo negro. Por isso, ele foi nomeado por Jair Bolsonaro para a presidência da Fundação Palmares, juntando-se a Damares, uma mulher que ataca as mulheres trabalhadoras e suas conquistas, juntando-se a Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente condenado por crimes ambientais, Roberto Alvim, Secretário da Cultura que quer acabar com a liberdade de expressão e com a produção artística brasileira, e a Abraham Weintraub, ministro da Educação que corta dinheiro da educação pública e persegue estudantes e professores.

NEGROS A SERVIÇO DA BURGUESIA NÃO SÃO NOSSOS IRMÃOS

A nomeação de Sérgio Camargo só reforça a conclusão de que não basta ser negro: é preciso lutar contra o racismo e contra o capitalismo. Sérgio Camargo é mais um oportunista que coloca a sua cor a serviço dos mandos e desmandos de Jair Bolsonaro e seu governo corrupto. Sua presença confunde o debate sobre o racismo no país e, ao mesmo tempo, blinda o governo das acusações de racismo, como faz o deputado federal Hélio "Negão", chamado pelo próprio Bolsonaro de sua "sombra".

Vale lembrar que, durante sua campanha à Presidência, Bolsonaro dizia que suas nomeações obedeceriam a critérios técnicos e não ideológicos. Isso não passou de uma conversa fiada completamente desmentida pela realidade. Afinal, Bolsonaro colocou, não só, pessoas tecnicamente despreparadas para os cargos que assumiram, como completamente ideologizadas: eles têm a ideologia da burguesia e, por isso, odeiam a classe trabalhadora, as mulheres, os negros e as LGBTs.

EXONERAÇÃO JÁ!

A nomeação de Camargo foi suspensa pelo juiz federal substituto Emanuel José Matias Guerra, da 18ª Vara Federal de Sobral (CE). No entanto, essa é uma medida provisória, e Camargo poderá ser nomeado assim que a decisão do juiz for revogada. É o que vem tentando fazer Bolsonaro que, por meio da Advocacia-Geral da União (AGU), encaminhou um recurso ao Tribunal Regional Federal da 5ª região (TRF-5) para garantir a nomeação.

Exigimos a imediata exoneração de Sérgio Camargo da presidência da Fundação Palamares! Não vamos tolerar esse insulto à história de luta do povo negro brasileiro nem vamos permitir o avanço do autoritarismo deste governo. Não vamos permitir que uma mão, negra ou branca, empunhe o chicote contra o nosso povo!

• Fora Sérgio Camargo! Fora Roberto Alvim!

• Fora Weintraub! Basta de Bolsonaro e Mourão!

> **NEGROS**
> NEGROS QUE ESCRAVIZAM
> E VENDEM NEGROS NA ÁFRICA
> NÃO SÃO MEUS IRMÃOS
> NEGROS SENHORES NA AMÉRICA
> A SERVIÇO DO CAPITAL
> NÃO SÃO MEUS IRMÃOS
> NEGROS OPRESSORES
> EM QUALQUER PARTE DO MUNDO
> NÃO SÃO MEUS IRMÃOS
> SÓ OS NEGROS OPRIMIDOS
> ESCRAVIZADOS EM LUTA POR LIBERDADE
> SÃO MEUS IRMÃOS
> PARA ESTES TENHO UM POEMA
> GRANDE COMO O NILO.
>
> **SOLANO TRINDADE**, EM "CANTARES AO MEU POVO"

Manifestantes protestaram em frente à Fundação.

BOLSONARO

Um ano de guerra social, barbárie, submissão a Trump e autoritarismo

Quando subiu a rampa do Planalto em janeiro de 2019, o presidente Bolsonaro contava com uma popularidade de 49%. Doze meses depois, vê sua base de apoiadores variar na faixa dos 30%. A esperança que grande parte da população depositou num candidato que se dizia diferente de "tudo o que está aí" deu lugar ao descrédito e à raiva, principalmente entre os setores mais pobres. Não é para menos. O governo Bolsonaro não fez outra coisa que não fosse atacar os trabalhadores, a população e os setores mais explorados e oprimidos, e reafirmar sua subserviência aos Estados Unidos e a Trump, entregando o país de bandeja ao imperialismo.

O plano do governo Bolsonaro, colocado em prática nesse início de mandato, é aprofundar a guerra social contra a classe trabalhadora e os mais pobres. O objetivo é apagar qualquer tipo de direito social e trabalhista da Constituição de 1988. O primeiro passo foi a reforma da Previdência. Agora, o conjunto de medidas enviado ao Congresso Nacional quer condicionar direitos como saúde e educação ao pagamento da falsa dívida pública aos banqueiros, abrindo espaço para a completa privatização desses setores.

O resultado é o desemprego cada vez maior, explosão da informalidade e do emprego precário, redução da renda, aumento da gasolina e a transformação da carne em artigo de luxo na mesa dos brasileiros. Até o salário mínimo está sendo rebaixado. Junto a isso, o governo ataca as liberdades democráticas e ameaça com ditadura caso o povo resolva protestar.

O conjunto da burguesia tem uma postura hipócrita em relação ao governo Bolsonaro. Critica os arroubos autoritários de forma pontual, mas apoia as medidas do governo na íntegra, pois este lhe concede tudo o que quer.

À medida que Bolsonaro, Paulo Guedes e o Congresso Nacional se empenham em transformar a vida do trabalhador e do pobre num inferno, fica cada vez mais evidente a necessidade de se colocar um fim nesse governo antes que ele consiga acabar com o que resta de direitos, soberania, meio ambiente e liberdades democráticas neste país.

VEJA O QUE VOCÊ ESTÁ PERDENDO COM BOLSONARO

O QUE JÁ PERDEU COM A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Veja o que significou a reforma da Previdência de Bolsonaro e do Congresso Nacional para a sua aposentadoria.

AUMENTO DA IDADE MÍNIMA PARA APOSENTADORIA

Para se aposentar, agora é necessário completar 65 anos, no caso dos homens, e 62 no das mulheres. O tempo mínimo de contribuição sobe de 15 para 20 anos no caso dos homens que entrarem no sistema.

FIM DA APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO

Antes era possível se aposentar após 35 anos de contribuição, no caso dos homens, e 30 no caso das mulheres.

REDUÇÃO DAS APOSENTADORIAS E DOS BENEFÍCIOS

Um dos maiores impactos da reforma é em relação ao valor das aposentadorias. Com a idade mínima e o tempo de contribuição exigido, cai dos atuais 80% do salário-benefício para 60%.
Aposentadoria por incapacidade cai de 100% para 60% da média salarial. Na pensão por morte, o valor integral de hoje também é reduzido para 60%.

MP 905

UMA NOVA REFORMA TRABALHISTA PARA ARRASAR COM OS DIREITOS

A reforma trabalhista de 2017 não trouxe mais empregos como prometido. Pelo contrário, o desemprego se mantém alto, e a informalidade e o trabalho por conta própria explodiram. Agora, o governo Bolsonaro impõe, via Medida Provisória, uma minirreforma trabalhista, a MP 905, que cria a "carteira verde e amarela" (um contrato de trabalho precário, com salários menores e menos direitos) e flexibiliza uma série de outros direitos.

CONTRATO VERDE E AMARELO:

PATRÃO
- Deixa de pagar INSS
- Deixa de pagar Sistema S
- Deixa de pagar salário-educação
- Diminui o pagamento de FGTS de 8% para 2%

SEGURO-DESEMPREGO
- Passa a pagar 7,5% de INSS

TRABALHADOR CONTRATADO PELA CARTEIRA VERDE E AMARELA
- Teto salarial de R$ 1.497, mesmo que o piso da categoria seja maior
- Se demitido, multa do FGTS cai de 40% para 20%
- Periculosidade cai de 30% para 5%
- Férias e 13º parcelados

MINIRREFORMA TRABALHISTA

LIBERA TRABALHO AOS DOMINGOS E FERIADOS

A MP libera o trabalho aos domingos e feriados, com folga remunerada em outro dia da semana, inclusive aos professores que contavam com uma lei específica proibindo a medida.

ATACA OS SINDICATOS

A MP tira o sindicato das negociações de Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e enfraquece seu poder de fiscalização. Mas o principal é a medida absurda que impõe multa de R$ 1 mil a R$ 10 mil ao trabalhador sindicalizado que não votar nas eleições sindicais. Trata-se de uma medida evidente para desmotivar a sindicalização.

AUMENTA A JORNADA DE TRABALHO DOS BANCÁRIOS

Além de liberar o trabalho aos sábados, a MP aumenta a jornada de 6 horas para 8 horas, à exceção dos caixas.

ACIDENTE DE TRABALHO

A medida desconsidera como "acidente de trabalho" o acidente sofrido pelo trabalhador no caminho até o serviço, mesmo que o veículo seja da empresa.

DIFICULTA A FISCALIZAÇÃO

A MP proíbe que o auditor aplique multa no primeiro flagrante de alguma irregularidade trabalhista, a não ser que seja muito grave ou que tenha havido acidente fatal. Além disso, determina punições ao auditor que agir de "má-fé". Tira ainda a autoridade do sindicato de interditar um local de trabalho sob risco iminente.

VAI VIRAR CHILE

Pacotão de Bolsonaro e Paulo Guedes quer tirar direitos da Constituição

O conjunto de medidas enviadas pelo governo ao Congresso Nacional tem o objetivo de reescrever a Constituição, tirando todos os direitos sociais e abrindo o caminho para a privatização de todos os serviços públicos.

PRIVATIZAÇÃO ACELERADA

O governo planeja apresentar em breve um projeto para acelerar as privatizações, utilizando uma lei delegada (o Congresso delega poderes ao Executivo). Com essa lei, seria possível aprovar a privatização em bloco de uma série de estatais numa só tacada.

ATAQUE À SAÚDE E À EDUCAÇÃO

Hoje, estados e municípios são obrigados a destinar 25% da arrecadação para a educação. Para a saúde, os estados devem repassar 12%, e os municípios, 15%. Pela proposta do governo, esses dois índices são somados e fica a cargo do governo definir os percentuais que cada um deve receber. Os estados, por exemplo, deverão gastar 37% para essas duas áreas, mas poderão diminuir o índice da saúde para 20% com a justificativa de aportar mais à educação.

O GOVERNO FICA DESOBRIGADO A INVESTIR EM ESCOLA PÚBLICA

Outro ponto da PEC retira da Constituição a obrigação do governo de dar prioridade ao investimento na expansão da rede pública de ensino onde houver falta de vagas. O objetivo é beneficiar o ensino privado.

DESVIO (EXTRA) BILIONÁRIO AOS BANQUEIROS

A PEC dos fundos públicos extingue 248 fundos existentes hoje e repassa todo o seu saldo, cerca de R$ 220 bilhões, direto para o pagamento da dívida aos banqueiros. Esses fundos hoje são direcionados a áreas específicas, como saúde, educação e cultura.

REDUÇÃO DOS SALÁRIOS DE SERVIDORES E FIM DA ESTABILIDADE

Para assegurar o controle dos gastos e seu direcionamento ao pagamento da dívida, será criado um órgão, o Conselho Fiscal da República, para fiscalizar os estados e municípios. Caso seja descumprida alguma das regras fiscais, será

impost
cia que
rios de
Alé
minist
fim da
novos
a exone
blico po
avaliaç
Guedes
tabilida
militan
siva au
rial no
públicc

FOGO EM TUDO

Um governo inimigo do meio ambiente

Antes mesmo de ser eleito, Bolsonaro já dava sinais evidentes de qual seria sua política para o meio ambiente. Uma vez no Planalto, pôs em prática um conjunto de medidas para devastar a Amazônia, acabar com as reservas florestais, arrasar com as populações indígenas e acabar com qualquer tipo de fiscalização ambiental.

O desastre da barragem de Brumadinho, em janeiro de 2019, que deixou 260 mortos, embora possa ser creditado ao desmonte da fiscalização feito nos anos anteriores e à cumplicidade entre os governos e a Vale, tem inegável influência da carta-branca concedida por Bolsonaro à mineradora por seu discurso eleitoral.

O desmatamento da Amazônia, da mesma forma, ocorre em duas frentes: a serra-elétrica na mata e a caneta de Bolsonaro em Brasília. Ele e o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, estão desmantelando os órgãos de proteção ambiental, perseguindo cientistas e ambientalistas e censurando a divulgação de dados. Resultado: desmatamento recorde, fogo na Amazônia, queda nas autuações do Ibama, perseguição a

ambientalistas e assassinatos de indígenas.

A reunião de Salles com cinco infratores ambientais, incluindo um grileiro que ameaçou de morte um servidor do ICMBio, um ex-procurador que abiu uma estrada ilegal na Reserva Extrativista Chico Mendes, um condenado por desmatamento e uma fazendeira que fez um haras numa unidade de conservação, expressa bem o caráter desse governo. A reunião realizada em novembro foi revelada pelo jornal Folha de S.Paulo, que informa também que o governo suspendeu a fiscalização na reserva Chico Mendes logo após a conversa.

EXPLOSÃO DO DESMATAMENTO

O inferno na Amazônia é reflexo do avanço do desmatamento impulsionado pelo discurso e pela política de Bolsonaro. Só em outubro, o desmatamento cresceu 212% segundo o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). Com cinismo, Bolsonaro culpa as ONGs e o ator Leonardo DiCaprio.

FISCALIZAÇÃO BARRADA

No primeiro semestre, o número de multas aplicadas pelo Ibama despencou 34%. O ministro Salles também proibiu a destruição de equipamentos utilizados por madeireiros criminosos.

PERSEGUIÇÃO A CIENTISTAS E AMBIENTALISTAS

Tão logo os primeiros dados sobre desmatamento começaram a ser divulgados, Bolsonaro empreendeu uma perseguição a cientistas. Atacou e demitiu o diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Ricardo Galvão, e tentou censurar o instituto. O clima de perseguição ao Ibama atingiu tal ponto que o fiscal que multou Bolsonaro, quando este era deputado e foi flagrado pescando em área proibida, foi afastado do órgão.

DITADURA NUNCA MAIS!

Autoritarismo a serviço dos banqueiros, grandes empresários e ruralistas

Nesses 12 meses, o governo aumentou o tom das ameaças às liberdades democráticas, que passaram do discurso para a prática. Bolsonaro retaliou o jornal Folha de S.Paulo suspendendo a licitação do veículo para o governo (medida da qual teve de recuar para evitar um impeachment) e direciona verbas públicas para os canais de televisão que lhes são simpáticos, leia-se Record e SBT.

Por meio de seu filho, o deputado Eduardo Bolsonaro, o presidente ainda tenta intimidar qualquer manifestação contrária ao governo com um “novo AI-5”, ameaça que foi reproduzida por Paulo Guedes, o ministro supostamente racional no governo de extrema-direita.

O discurso contra os pobres, os negros, as mulheres e os LGBTs se traduz em atos de violência país afora, como nos assassinatos de indígenas. Em novembro, o guardião da floresta Paulo Guajajara, da Terra Indígena Arariboia, no Maranhão, foi morto a tiros. Em dezembro, outros dois indígenas da mesma etnia também foram assassinados: Raimundo e Firmino Guajajara. São vítimas de madeireiros, grileiros e mineradores que agem com a complacência de Bolsonaro.

O mesmo aconteceu com os quatro brigadistas de Alter do Chão, presos pela Polícia Civil acusados de colocar fogo na Amazônia num processo esdrúxulo. Por trás das prisões, está a acusação de Bolsonaro e seu discurso contra as ONGs, a oposição e qualquer um que fale contra seu governo.

Nos grandes centros urbanos, a política do governo e a sua defesa de medidas como o “excludente de ilicitude”, combinadas às políticas de genocídio de governadores como Witizel (RJ) e Doria (SP), legitimam a matança de negros e pobres. É uma política de contenção social, imposta para evitar, sufocar e impedir levantes.

BASTA

Temos que parar Bolsonaro-Mourão e Paulo Guedes já!

Em 12 meses, tivemos a reforma da Previdência que vai jogar milhões na pobreza e miséria. Tivemos o rebaixamento do salário mínimo. A gasolina aumentou, assim como o gás de cozinha, fruto da política entreguista do governo para a Petrobras. O preço da carne disparou porque a política do governo e do agronegócio é exportar o produto e deixar para a população o que sobrar.

Enquanto isso, o desemprego, a pobreza e a miséria se alastram. A guerra social se aprofunda, assim como os sinais da barbárie. Os nove jovens mortos em Paraisópolis são expressão disso, que tem no genocídio negro nas periferias sua faze mais cruel.

É preciso dar um basta. Precisamos derrotar esse governo e seu projeto. Não podemos conviver com mais três anos de ataques diários, como defende Lula, que chama a respeitar o mandato de Bolsonaro. É preciso ir às ruas, lutar, preparar as condições de uma nova greve geral para impedir que Bolsonaro e o Congresso Nacional continuem nos massacrando.

Não podemos, tampouco, cair na armadilha da saída eleitoral com um projeto falido de conciliação com a burguesia defendido por Lula e o PT, que foi o que nos trouxe até aqui. Precisamos construir um governo nosso na luta, um governo socialista dos trabalhadores, que governe em conselhos populares.

MEIO AMBIENTE

Destruição avança na Amazônia

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

Em 2019, foi registrado o maior desmatamento da Amazônia dos últimos dez anos. O dado foi divulgado no final de novembro pelo sistema de monitoramento Prodes, do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe). No total, foram destruídos 9.762 quilômetros quadrados, representando um aumento de 29,5% em comparação com o ano anterior.

Esse foi o resultado inevitável estimulado por um governo que paralisou todo o sistema de fiscalização ambiental do país e estimula a ação de madeireiros, grandes fazendeiros e garimpeiros na região. A destruição da floresta poderá aumentar ainda mais no próximo período. Recentemente, o governo Bolsonaro declarou que pretende liberar a exportação *in natura* de madeira da Amazônia, ou seja, quer transformar o Brasil em exportador de troncos de árvores nativas da região. Isso terá consequências catastróficas. Hoje, a atividade é ilegal.

LIBEROU GERAL

Isso não é tudo. Poucos dias após a divulgação dos dados, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, viajou até o Acre e se reuniu com políticos e fazendeiros locais acusados de realizar desmatamento da Reserva Extrativistas Chico Mendes, uma das mais importantes do país. A denúncia foi feita por reportagem da Folha de S.Paulo.

Salles se reuniu com um autor de ameaça de morte contra um servidor do ICMBio, um ex-procurador-geral de Justiça acusado de abrir uma estrada ilegal dentro da reserva, um condenado por desmatamento e uma fazendeira que tem um haras na unidade de conservação. Sabe qual foi o resultado da reunião? O ministro determinou a suspenção total da fiscalização na reserva.

Criada em 1990, a Resex Chico Mendes possui 970 mil hectares, um pouco menos que um país como o Líbano. Sua criação foi resultado da luta duríssima travada pelo movimento seringueiro, e seu nome é uma homenagem ao principal líder do movimento, assassinado em 1988. Por sua história, a reserva é um verdadeiro símbolo da luta socioambiental do país. No entanto, está ameaçada pelo crescimento das fazendas de gado no seu entorno e pelo abandono da população seringueira por parte do poder público.

Houve um aumento enorme do rebanho do gado no Acre nas últimas décadas. Em 1980, havia 292 mil cabeças de gado. Hoje, são quase 3 milhões em todo o estado. A maior parte está localizada no entorno da reserva. Saúde e educação quase não existem e também não há políticas de incentivo ao extrativismo da borracha, da castanha e de outros produtos da floresta.

O PT governou o estado por 20 anos e também é responsável por essa situação. O atual governador, Gladson Cameli (PP), é aliado de Bolsonaro e defensor do agronegócio. *"Estamos prontos para o agronegócio"*, disse num evento agrícola em julho.

Os fazendeiros estão aproveitando a situação. A deputada Mara Rocha (PSDB) prepara um projeto de lei para reduzir a Resex Chico Mendes, retirando da unidade de conservação áreas tomadas pela pecuária.

ALTER DO CHÃO

Prisões foram feitas para desmoralizar e intimidar

A prisão dos quatro brigadistas no balneário Alter do Chão, no Pará, foi uma clara armação com o objetivo de desmoralizar e intimidar todos que têm algum engajamento na luta pela preservação da Amazônia. A farsa contou com o envolvimento da polícia civil local, de poderosos da região e, provavelmente, do juiz que decretou as prisões.

O inquérito da polícia do Pará que levou às prisões é uma obra de ficção de quinta categoria. Não há qualquer prova ou indício que comprove a autoria material dos incêndios. Em áudio enviado ao governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), sobre a situação dos incêndios na Área de Proteção Ambiental (APA) Alter do Chão, o prefeito de Santarém, Nélio Aguiar (DEM), afirma que o local é "área de invasores" e que teria "policial por trás". O prefeito diz que o grupo de grileiros incendiou a floresta para depois fazer loteamentos ilegais e vender terrenos.

Uma reportagem do Fantástico, do dia 1º de dezembro, mostrou que a área incendiada já está toda cercada com arames e com placa de venda de terrenos. Ou seja, a prisão dos brigadistas foi uma clara manobra realizada pelos grileiros, junto com a polícia, para ocultar os verdadeiros culpados pelo incêndio – especuladores, grileiros, políticos e autoridades locais.

Bolsonaro, seus filhos e seguidores aproveitaram a situação para movimentar suas turbas pelas redes sociais. O presidente chegou a fazer uma esdrúxula acusação contra o ator estadunidense Leonardo DiCaprio, a quem acusou de ser responsável pelos incêndios na Amazônia. Virou piada mundial.

No último dia 28, os quatro brigadistas foram libertados, mas ainda vão responder processo em liberdade. O recado foi dado: quem se opor aos destruidores da floresta será preso e desmoralizado.

BASTA DE MORTES NA AMAZÔNIA!

Bolsonaro é responsável por assassinatos e perseguições

GABRIELA HIPÓLITO, DE BELÉM (PA), E JEFERSON CHOMA DA REDAÇÃO

Nos primeiros dias de dezembro, foram assassinados cinco ativistas da Amazônia em três estados: Maranhão, Pará e Amazonas. Longe de ser coincidência, esses crimes representam uma combinação do discurso de ódio, mas também dos objetivos econômicos de Bolsonaro, que quer a região livre para a garimpagem e o agronegócio.

AMAZONAS

No dia 2 de dezembro, Humberto Peixoto foi vítima de espancamento e morreu no dia 7. Ele pertencia ao povo Tuiuca e trabalhava junto a Cáritas Arquidiocesana da Igreja Católica. Ele é a sexta liderança indígena assassinada só este ano no Amazonas.

PARÁ

Marcio Rodrigues dos Reis, de 33 anos, foi assassinado no dia 4. Ele era a principal testemunha de defesa do padre José Amaro Lopes de Sousa. O mototaxista foi morto a golpes de faca no pescoço durante uma emboscada entre as cidades de Anapu e Pacajá. Padre Amaro é acusado de liderar a ocupação de área que é objeto de disputa judicial com o fazendeiro Silvério Albano Fernandes, em Anapu, cidade de intensos conflitos com grileiros e madeireiros. O padre chegou a ser preso em março de 2018, sob acusação de liderar o movimento. Padre Amaro trabalhou lado a lado com a ativista Dorothy Sthang, assassinada em 2004, crime de repercussão internacional.

Também em Anapu, no dia 9, foi assassinado Paulo Anacleto, que inclusive esteve no funeral de Marcio. Ativista e conselheiro tutelar, Anacleto foi mais uma vítima no campo amazônico.

Firmino Prexede Guajajara assassinado no maranhão dia 6.

Paulo Anacleto, assassinado em Anapu no dia 9.

Humberto Peixoto, assassinado no dia 2 no Amazonas.

Marcio Rodrigues dos Reis assassinado dia 4 em Anapu.

MARANHÃO

No dia 7, um grupo de lideranças indígenas guajajara retornava de uma reunião com a Funai e a Eletronorte quando foi atacado e atingido por vários disparos de arma de fogo na BR 226, no município de Jenipapo dos Vieiras (MA).

Os dois indígenas assassinados são os caciques Firmino Praxede Guajajara, da Terra Indígena Cana Brava, e Raimundo Belnício Guajajara, da Terra Indígena Lagoa Comprida; outros dois indígenas encontram-se feridos em estado grave. Há pouco mais de um mês outra liderança guajajara foi assassina, Paulino, Guardião da Floresta.

Raimundo Belnício Guajajara assassinado dia 9 no Maranhão.

No dia 9, dois indígenas guajajaras foram atropelados, e um deles não resistiu. Em protesto, os guajajaras fecharam a BR-226.

FATOR BOLSONARO

Governo incentiva violência e impunidade

As ofensivas vão para todos os lados. O discurso de Bolsonaro criminaliza ativistas, ONGs e até o ator Leonardo DiCaprio, o que se tornou piada mundial. Mas a vida concreta no campo e na floresta mostra o que a cidade só vê no discurso.

Como se não bastasse o já profundo sucateamento, o atual presidente da Funai, Marcelo Xavier, determinou que os servidores sejam obrigados a solicitar sua autorização para prestar assistência às comunidades indígenas, além de proibir o deslocamento de servidores a terras indígenas (TIs) não homologadas e registradas. Ele quer isolar as TIs, inclusive demonstrando negligência criminosa nas demarcações de terras.

"Na verdade, essa violência só acontece no contexto em que vivemos, nas próprias falas do governo, que incentiva a violência, e quem a comete tem a certeza da impunidade", diz Gilderlan Rodrigues da Silva, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) Regional Maranhão. "Toda essa questão tem o viés do racismo contra os índios, da simples existência deles ali naquele território", conclui.

O "fator Bolsonaro", segundo dados preliminares do Cimi, fez explodir os ataques aos povos originários. Nos nove primeiros meses de 2019, o Cimi aponta para um aumento alarmante nos casos de "invasões possessórias, exploração ilegal de recursos naturais e danos diversos ao patrimônio dos povos indígenas". Foram contabilizados 160 casos do tipo em 153 terras indígenas em 19 estados. Em 2018, foram 111 casos em 76 terras indígenas, distribuídas em 13 estados do país.

Cabe ressaltar, como já dito, o papel nefasto do governador do Maranhão, Flavio Dino (PCdoB). Pela grande repercussão que teve a morte de Paulino, ele anunciou uma força-tarefa de defesa dos indígenas. Um mês depois, vemos que isso nunca existiu.

DIREITO DE SE DEFENDER

Diante do crescimento dos ataques motivados pela política de Bolsonaro, os povos originários têm o direito de se defender, fiscalizar seu próprio território, fazer autodemarcações e exigir punição exemplar para os assassinatos e para violações contra seu povo e suas terras. A barbárie precisa ser detida.

APOIO

Como apoiar os povos do campo e da Floresta Amazônica?

Sabemos que as mortes na Amazônia ocorrem há muito tempo e se intensificaram desde os projetos de exploração agropecuária, mineral e energética. Sabemos também, que, apesar de muita luta e resistência, a impunidade, inclusive com o apoio do Estado, e a desigualdade de forças faz com que os defensores da floresta e do campo sejam alvos fáceis. É o terror instalado e generalizado com um único objetivo: derrotar a heroica resistência de um povo incansável.

Precisamos prestar solidariedade ativa a esse movimento, não só com voz e visibilidade, mas com apoio local, debates e deslocamentos que possam fortalecer a resistência. A defesa dos ativistas não virá do Estado, que defende os ruralistas que os atacam.

Derrotar Bolsonaro na Amazônia é um golpe de morte em seu governo, no seu projeto de ditadura e semiescravidão.

Tempos de rebelião na América Latina

ALEJANDRO ITURBE DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT-QI)

Assistimos às lutas em Hong Kong, no Extremo Oriente; na Argélia, no Iraque e no Líbano, no mundo árabe; na Catalunha e na França, na Europa. No nosso continente, vivemos a recente rebelião no Equador, a luta contra o governo de Jean-Charles Moïse no Haiti, a dura batalha do povo chileno contra o governo de Sebastián Piñera, o processo de luta contra o governo de Iván Duque, na Colômbia, e a resistência contra o golpe na Bolívia. Em um só artigo, é impossível considerar cada uma dessas rebeliões com a profundidade que merecem. Trataremos de analisar algumas características comuns e algumas diferenças entre elas.

UM PROCESSO CONTINENTAL

Acreditamos que este seja um processo continental, uma onda que tende a espalhar-se pelos problemas comuns enfrentados pelos povos da região. Também pelo efeito dominó causado pelo impacto de cada luta nos outros países.

Não é um raio no céu sereno. Foi anunciado por processos anteriores, como o enfrentamento contra a reforma da previdência social na Argentina, em dezembro de 2017, a rebelião contra o governo de Daniel Ortega, na Nicarágua, e a greve geral na Costa Rica, ambas em 2018; as rebeliões anteriores no Haiti e a luta contra o governo de Juan Orlando Hernández Alvarado, em Honduras.

Chile

Bolívia

Colômbia

A certa altura, um fato que parece menor (como a remoção de subsídios aos combustíveis e um aumento na passagem de transporte público) foi a faísca que inflamou o barril de pólvora. Muitos anos de aceitação mais ou menos passiva também produzem uma raiva acumulada que explodiu com força: "Não são 30 pesos, são 30 anos", dizem os cartazes do povo chileno em referência a três décadas de neoliberalismo, nas quais o país se tornou um laboratório. O ministro Paulo Guedes e o governo Bolsonaro querem implementar o mesmo projeto no Brasil.

Essa raiva das massas contra tantos anos de ajustes e ataques permanentes ao seu padrão de vida se combina com a percepção de que governos e regimes políticos são responsáveis pela crescente deterioração. Todos os governos burgueses atacam os trabalhadores porque não têm alternativa para garantir as taxas de lucros dos capitalistas.

Por isso, no terreno fértil para que ocorram explosões sociais, combinam-se dois processos. Um é a luta contra os governos de direita burgueses, explicitamente capitalistas e pró-imperialistas, como no Chile e na Colômbia. O outro é a deterioração e a degradação dos governos burgueses populistas (alguns até se dizem socialistas) derivados de ditaduras, como na Nicarágua e na Venezuela.

Essa combinação – grande ascenso de massa, deterioração social e crise de governos e regimes – configura, em muitos casos, o que os marxistas chamam de "processos revolucionários", ou seja, situação em que a questão do poder pode ser apresentada aos trabalhadores. Nas palavras de Lenin: *"Quando os de cima não podem continuar governando como antes e os de baixo não querem continuar vivendo como antes, e intensificam muito sua ação revolucionária."*

OS PROTAGONISTAS

Cada país apresenta particularidades nos setores sociais e nos métodos com os quais a rebelião ocorre.

No Equador, era evidente que a vanguarda eram os camponeses liderados pela Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie), que tomaram as cidades sem a participação de trabalhadores organizados Na Bolívia, a base da resistência ao golpe foram os habitantes dos bairros de El Alto e os setores camponeses dos povos originários. No Chile, adquire um caráter semi-insurrecional urbano e popular, com participação parcial de trabalhadores sindicalizados, portuários e da construção sobretudo. Na Colômbia, a classe trabalhadora está no centro do processo, e isso foi expresso numa greve geral muito forte em 21 de novembro.

Além disso, no Chile, é possível ver algo que se manifestou em várias partes do mundo: participação ativa nos confrontos de uma juventude precarizada, sem perspectiva de futuro no capitalismo de hoje. Esse fenômeno já era evidente no Equador, mas no Chile adquiriu um grau de organização superior: a primeira linha, essencial para a defesa das mobilizações contra a repressão da polícia.

OBSTÁCULOS

A crise de direção revolucionária

No Programa de Transição, escrito em 1938 para a fundação da IV Internacional, Trotsky analisou que as condições objetivas da revolução socialista estavam mais do que maduras. No entanto, o fator subjetivo, ou seja, a existência de uma liderança revolucionária disposta a levar essa luta até o fim, estava muito atrasada. É a "crise da direção revolucionária" que atrasa todos os processos revolucionários.

Em alguns casos, as direções traidoras são capazes de conter as lutas de forma direta e levá-las ao beco sem saída das negociações, abortando ou atrasando sua dinâmica objetiva em direção ao poder. Foi o que a liderança da Conaie fez no Equador, que interrompeu a luta contra o governo de Lenín Moreno. Foi o que Evo Morales e o seu partido, MAS, também fizeram com a resistência ao golpe de direita que levou ao beco sem saída de um processo eleitoral condicionado.

No caso chileno, as direções traidoras, influenciadas pelo Partido Comunista e pelo Partido Socialista, estão muito mais em crise e dispersas, como resultado de sua responsabilidade e cumplicidade na transição acordada nos anos 1980 que deu origem ao regime atual. Assim, eles têm muito menos capacidade de controle direto das massas. Isso explica a combatividade e a continuidade do processo revolucionário.

Contudo, a ausência de uma alternativa de direção revolucionária tem várias consequências negativas. Em primeiro lugar, dificulta que a classe trabalhadora organizada possa entrar em cena como centro de mobilização. Também atrasa a construção de organismos que coordenem as lutas, como as assembleias populares, que são travadas num ritmo mais lento do que o processo revolucionário exigiria. Por fim, embora as direções traidoras estejam em crise, esse espaço vazio lhes permite continuar influenciando e operando para enfraquecer a luta e tentar levá-la ao caminho das negociações com o governo Piñera.

CAMINHOS

As tarefas dos revolucionários

Quando os processos revolucionários explodem, é evidente que a primeira tarefa dos revolucionários é intervir neles e incentivá-los para que a mobilização e a organização das massas avancem. Porém devemos estar cientes de que, por várias razões, chegamos a eles com uma relação de forças muito desfavorável contra as direções traidoras, mesmo quando estão desacreditadas e dispersas. Os processos revolucionários ajudam a melhorar essa correlação, mas, com a velocidade em que ocorrem, na maioria dos casos, eles não dão margem de tempo para resolvê-lo, e as lutas revolucionárias são freadas ou adiadas.

A pior coisa que podemos fazer é cair em desespero. Os revolucionários devem apresentar-se com propostas para desenvolver a fundo a luta pelo ponto mais sentido pelo povo (o "Fora Piñera" no Chile ou "derrotar o golpe" na Bolívia) e combater as propostas das direções traidoras no movimento.

Nesse contexto, trata-se de apresentar nosso programa de resposta mais estratégica às dificuldades que geram a rebelião: a tomada do poder pelos trabalhadores para iniciar a construção de uma sociedade socialista. Nessa perspectiva, a construção e o fortalecimento do partido revolucionário e as organizações de luta das massas são as duas tarefas essenciais de nossa intervenção.

Confiamos plenamente nos trabalhadores e em sua capacidade de avançar com suas experiências. Mas se as direções traidoras conseguirem desacelerar ou adiar os processos revolucionários num estágio anterior, sabemos que outros virão num futuro próximo. Nesse caso, devemos alcançá-los com mais força e influência, com mais experiência dos combatentes. Em outras palavras, mais próximo do triunfo estratégico.

DE OLHO

As respostas da burguesia e do imperialismo

Sem dúvida, a burguesia nacional e o imperialismo não permanecem passivos e respondem com diferentes mecanismos para derrotar, conter ou adiar as lutas revolucionárias. No continente, a repressão policial muito dura se combina a pactos e negociações com as direções de partidos de oposição e sindicatos, como aconteceu, por exemplo, no Equador e se tenta fazer no Chile.

Em outros casos, trata-se de desmontá-las por meios eleitorais, como na Argentina, com o triunfo do kirchnerismo, ou impedi-las com a expectativa da eleição de Lula à presidência do Brasil, em 2022, por exemplo. No caso boliviano, mobilizações legítimas contra a fraude eleitoral de Evo foram capitalizadas por um setor burguês de ultradireita que, aliado às Forças Armadas, deu um golpe militar.

O imperialismo está alerta. O governo de Donald Trump tenta restringir as respostas às lutas, mas agora começa a se concentrar na prevenção das explosões. O chefe da diplomacia dos Estados Unidos, Mike Pompeo, disse: *"A Casa Branca prestará assistência financeira aos governos legítimos da América Latina, para impedir que os protestos se transformem em 'revoltas sociais'"*. Os países do imperialismo europeu também estão atentos para agir na contenção de mais explosões revolucionárias.

FRANÇA

Greve geral diz não à reforma da Previdência

Mais de 800 mil trabalhadores franceses em mais de 70 cidades aderiram à greve geral de 5 de dezembro. O número de manifestantes é considerado o maior dos últimos dez anos.

DA REDAÇÃO

A greve geral não foi apenas a maior mobilização da classe trabalhadora durante o governo de Emmanuel Macron, foi também a mobilização social mais maciça desde os protestos de 2010 contra a reforma previdenciária de Nicolas Sarkozy. Vários setores aderiram à manifestação: ferroviários, trabalhadores do transporte, da educação e da saúde. Também foi importante em algumas empresas como a EDF (eletricidade), na qual 44% dos trabalhadores cruzaram os braços.

O impacto na economia e no mundo do trabalho também foi sentido por conta das ações de bloqueio. Sete das oito refinarias francesas e doze depósitos de petróleo foram bloqueados.

Em alguns lugares, ocorreu eleição de comitês de greve e assembleias gerais interprofissionais com um número de participantes significativo. Isso é um avanço na organização dos trabalhadores na luta contra a reforma da Previdência.

COLETES AMARELOS E TRABALHADORES

A greve ocorre cerca de um ano após o surgimento do movimento dos coletes amarelos, que restituiu a força da luta coletiva e a capacidade de vencer em muitos setores dos trabalhadores. Desta vez, são os sindicatos, cujas direções são criticadas com frequência de forma dura pelos coletes amarelos (e também por suas próprias bases), que dirigem o movimento que se inicia.

Os coletes amarelos, a maioria dos quais pensavam, no início, que poderiam derrotar Macron dispensando as estruturas sindicais, decidiram envolver-se na perspectiva de uma greve geral ilimitada a partir de 5 de dezembro e participar do movimento de todas as formas possíveis. Na prática, a greve permitiu uma unidade de ação entre os sindicatos e os coletes amarelos.

"Essa convergência entre os coletes amarelos e o movimento operário tem uma força explosiva", defendeu um delegado sindical do setor ferroviário. "Para impedir que os líderes sindicais nos traiam, precisamos de coordenação entre todas as assembleias", disse.

FANTASMA DE 1995

Maioria apoia a greve

Esta não é apenas uma luta para defender a Previdência pública. A mobilização também é contra a precariedade do trabalho, um movimento que iniciou com os coletes amarelos. Não por acaso, a maioria dos franceses apoia a greve: segundo pesquisa, 53% têm uma imagem positiva da greve. Esse apoio aumentou para quase 60% na última semana.

Não por acaso, setores da burguesia francesa e articulistas da grande mídia já temem que a greve possa desencadear uma nova jornada de lutas semelhantes a 1995. Naquele ano, a França foi palco das mais importantes manifestações desde o histórico maio de 1968. A greve geral de 1995 durou de 24 de novembro a 15 de dezembro. Grandes paralisações ocorreram no setor público e no setor privado contra o Plano Juppé, que também era uma reforma sobre a Previdência social. A greve forçou o governo da época a anunciar que não modificaria a idade mínima da aposentadoria.

ENTENDA

Reforma da Previdência vai beneficiar empresários

A greve geral do dia 5 foi uma importante resposta à ofensiva neoliberal contra a Previdência pública. Na França, o sistema de aposentadoria por repartição é baseado na seguinte regra: as cotizações dos salários mais altos contribuem para que os mais pobres tenham pensões justas.

Macron quer transformar o modelo atual num sistema de pontos únicos. A medida é revestida com um verniz de igualdade. No entanto, com sua entrada em vigor, prevista para 2025, os futuros pensionistas receberão uma aposentadoria entre 15% e 23% menor do que a de quem se aposenta hoje em dia aos 64 anos.

Já os empresários sairão ganhando, pois a reforma garante que as contribuições com a Previdência não aumentarão. Também será estabelecida uma pensão mínima igual a 85% do salário mínimo. Hoje, essa medida existe para os assalariados, mas será estendida aos camponeses, cuja pensão mínima agora é de apenas 75% do salário mínimo. Outros prejudicados serão os professores, os enfermeiros, os assistentes de saúde e, em especial, os funcionários do serviço público.

mural

FARSANTES

TV conta a História na versão da direita reacionária

A TV Escola iniciou a exibição de uma série que revisa a História do Brasil doutrinando com a ideologia de extrema-direita reacionária do governo. A emissora recebe financiamento do Ministério da Educação (MEC).

Os programas revisam os crimes da ditadura militar e puxam o saco do guru do governo, o astrólogo Olavo de Carvalho. Aquele mesmo que dá corda para os chamados terraplanistas e profere tsunamis de palavrões e xingamentos pela internet. Também há o total desprezo pelo genocídio indígena e pela escravização de africanos. As navegações e o processo de colonização são apresentados como um empreendimento religioso por um dos descendentes da antiga família real. Figuras conservadoras aparecem na TV, como um discípulo do líder da corrente conservadora TFP (Tradição, Família e Propriedade), um delegado, católico e autor de livros jurídicos, um escritor que ganha a vida mentindo sobre Paulo Freite, entre outros picaretas.

Essa propaganda ideológica racista e reacionária não pode ser vista de forma separada do ataque do governo à Ancine, que teve 43% de corte de verbas. Bolsonaro e sua corja querem impor uma linha reacionária e conservadora às produções artísticas e culturais para agradar sua base e seus aliados.

DEUS ACIMA DE TUDO?

Menos do preço da carne

Está cada vez mais difícil saborear o tradicional prato feito com arroz, feijão, carne, batata e ovo. A inflação fez com que os preços dos ingredientes disparassem nos últimos doze meses, num país em que o desemprego atinge quase 12 milhões de trabalhadores.

O que chama mais a atenção é a disparada recente do preço da carne bovina que bateu recorde. No açougue, houve alta de até 50% nos preços de alguns cortes nas últimas semanas. Em São Paulo, o quilo do acém está R$ 25. Na internet, proliferaram-se memes fazendo gozação com a disparada. Dizem que Bolsonaro mudou seu slogan para "Deus acima de tudo, menos do preço da carne".

O feijão, a batata e o ovo não ficaram para trás. Em doze meses, até novembro, os preços médios do feijão carioca subiram 42,88%, aponta o IBGE. O quilo da batata ficou 12,46% mais caro, a dúzia de ovos brancos subiu 8,84% e a carne bovina aumentou, em média, 14,43%. O único ingrediente do prato feito que ficou mais barato no período foi o arroz, cujo preço caiu míseros 0,20%.

OLHA A ÁGUA

Empresa vai vender água da Amazônia a R$ 330

É impressionante como o capitalismo transforma tudo em mercadoria. Com a questão ambiental é a mesma coisa. Uma empresa chamada Ô Amazon lançou uma nova marca de água gourmet. Seu objetivo é produzir água potável a partir da umidade do ar da região que abriga a maior floresta tropical do mundo. A água é coletada nos rios voadores, graças à umidade atmosférica da floresta. A operação comercial visará o mercado de luxo no exterior. A água será exportada para a França e vendida por R$ 330 (70 euros). A primeira safra da Ô Amazon faz uma homenagem à onça pintada. São 10.000 garrafas de 750mL. Para as próximas, a empresa prevê uma produção de 6 milhões de garrafas por ano, coletadas no coração do estado do Amazonas, em Barcelos.

A propaganda diz que a água fina é a mais pura do mundo porque vem do vapor da floresta. Só que não! Segundo o cientista Antonio Nobre, que já chefiou o Instituto nacional de Pesquisas Espacial (Inpe), com tantas queimadas na Amazônia, a tal água fina pode não ser tão pura assim: "Quando a atmosfera está contaminada por fumaça, fuligem (na estação seca na Amazônia, por exemplo) e outros componentes tóxicos de poluição urbana, então a água condensada terá os mesmos contaminantes do ar, o que determina a necessidade de caros sistemas de purificação química, que por sua vez aumentam o custo, não garantem qualidade e podem aumentar ainda mais a necessidade de remineralização."

The Wall: Os 40 anos da ópera-rock do Pink Floyd

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

Em 2019, uma das maiores obras da história do rock completa 40 anos. Trata-se do épico álbum do Pink Floyd, *The Wall*, lançado como um disco duplo em 30 de novembro de 1979. O décimo primeiro disco da carreira da banda britânica deixaria gerações marcadas com canções como a que dá o título à obra, uma denúncia à educação castradora e opressora, *"Another Brick in the Wall"* (Outro tijolo no muro).

Nascido da cabeça de Roger Waters, baixista e um dos principais compositores do grupo, The Wall é um álbum conceitual. Fruto do desencanto e do forte sentimento de alienação de Waters com a vida de estrela do rock, foi uma certa tentativa de catarse. Waters confidenciaria que a ideia para o álbum surgiu no meio de uma turnê em 1977. Profundamente incomodado com o fato de o público dos shows parecerem, em geral, indiferentes ao sentido de suas canções, Waters num rompante de cólera deu uma cusparada na primeira fila de fãs durante um show em Montreal.

O disco conta a história de Pink, seu alter ego, e as desventuras de um órfão cujo pai morreu na Segunda Guerra Mundial, sufocado por uma mãe hiperprotetora e vítima de um rígido sistema de ensino. O "muro" é o que ele ergue em relação à vida, aos fãs e às pessoas de forma geral. Isolado, o rockstar encontra refúgio nas drogas e, num delírio, imagina-se como um líder fascista seguido por uma massa amorfa.

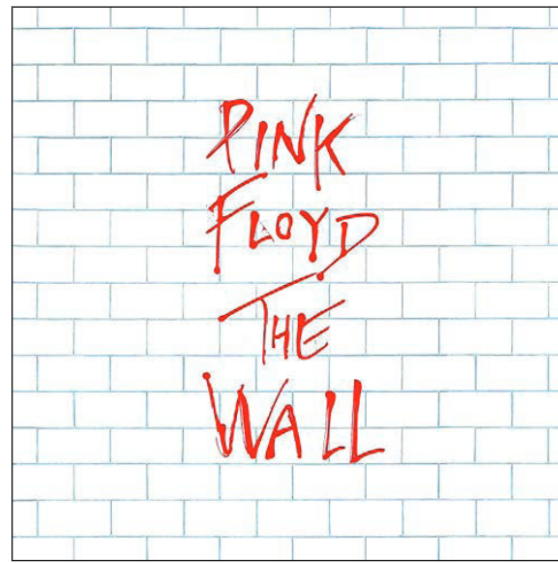
É uma história que poderia muito bem ser de qualquer outro integrante do Pink Floyd, ou mesmo de tantos de uma juventude egressa do movimento hippie, encontrando em meio à vida adulta uma recessão econômica após os "trinta gloriosos" (período de crescimento econômico na Europa do pós-guerra), um ceticismo em relação ao futuro e o neoliberalismo de Margareth Thatcher. É interessante comparar, por exemplo, como esse trabalho mais denso e depressivo difere da psicodelia dos primeiros anos da banda.

O "muro" aqui também pode ser entendido como uma metáfora à guerra fria e aos regimes totalitários, tanto do nazifascismo quanto das ditaduras stalinistas.

ÓPERA-ROCK

A faixa *"Another Brick in the Wall"* é, na verdade, uma música dividida em três partes. A parte 2, a mais conhecida, a ponto de seus acordes poderem ser reconhecidos por qualquer pessoa num assobio, entrou na parada de sucessos de vários países, inclusive do Brasil. É um libelo contra uma educação repressiva. *"We don't need no education/ We don't need no thought control/ No dark sarcasm in the classroom/ Teachers leave those kids alone/ Hey teachers, leave those kids alone/ All in all you're just another brick in the wall"* (Nós não precisamos de educação/ Não precisamos de controle de pensamento/ Nada de sarcasmo na sala de aula/ Professores, deixem as crianças em paz/ Considerando tudo você é só um tijolo na parede).

Outra música de destaque é "Hey You", um pedido de ajuda do nosso anti-heroi, Pink, sufocado por seu muro interior. "Hey, you/ Out there beyond the wall/ Breaking bottles in the hall/ Can you help me?" (Ei você/ Lá atrás do muro/ Quebrando garrafas no corredor/ Pode me ajudar?). E também "Comfortably Numb" (Confortavelmente entorpecido), que narra o mergulho de Pink nas drogas. Esta com dois solos simplesmente épicos do guitarrista David Gilmour.

De qualquer forma, *The Wall* é um disco para se ouvir inteiro, submergindo na história e na atmosfera criada por Waters e Gilmour, cujos temas, 40 anos depois, parecem tão atuais como nunca.

O FILME

Despencando num moedor de carne

Em 1982, *The Wall* se transformaria em filme, mesclando animações do cartunista Gerald Scarface (o mesmo que produziu a icônica capa do disco) e filmagens, dirigido por Alan Parker. Apesar de renegado por Waters, vale muito a pena a ver. Pode ser facilmente encontrado no YouTube e contém as cenas que seriam o videoclipe de *"Another Brick in the Wall pt 2"*, com os estudantes andando numa esteira antes de caírem num moedor de carne.

NA QUEDA DO MURO

The Wall em Berlim

Oito meses após a queda do Muro de Berlim, em julho de 1990, o Pink Floyd realizou um show histórico na cidade, tocando para 340 mil pessoas no exato local que dividia a Alemanha Oriental da Ocidental. Apesar de Waters ter deixado a banda em 1985, ele se reuniu novamente com os antigos companheiros para a comemoração.

PROTESTO

Waters contra Bolsonaro

Às vésperas das eleições de 2018, de passagem pelo Brasil, Waters fez um protesto em seu show contra líderes autoritários mundo afora. Putin, Trump, Netanyahu de Israel... e o quase recém-eleito Bolsonaro, com direito à projeção da hashtag #Elenão. Como foi amplamente divulgado, boa parte do público vaiou o músico. Difícil não pensar que Waters teve um desagradável déjà vu de 1977.